

Interdisciplinaridade e formação crítica no Ensino Médio: o caso do LabHum¹

Marcelo da Silva Araujo¹

Resumo. Reconhecida como instituição pioneira na implantação da disciplina Sociologia no Ensino Básico, o Colégio Pedro II instalou, desde que se tornou Instituto Federal, uma série de espaços diferenciados de aprendizagem. Os laboratórios temáticos, entre eles o Laboratório de Humanidades (LabHum), do campus Niterói, propõem-se a funcionarem como ambientes de produção do conhecimento para além da sala de aula. O LabHum procura um espaço de diálogo entre as disciplinas componentes das ciências humanas (Filosofia, Geografia, História e Língua Portuguesa), de forma a mostrar aos estudantes que seu conhecimento é inerentemente integrado, a despeito das especificidades praticadas nos direcionamentos programáticos. Deste modo, a comunicação e o posterior texto visam colaborar com docentes no que tange à socialização de experiências exitosas de produção do conhecimento na relação ensino-aprendizagem. Desta maneira, o compartilhamento dos resultados de atividades como o Cinelabhum, os cursos de extensão com temáticas jovens e a Iniciação Científica Júnior, para citar alguns, podem inspirar professores a realizarem ações e iniciativas que, em parceria criativa com os estudantes, frutifiquem na busca pela construção de uma educação crítica e coletiva.

Palavras-chave. Ensino Médio; Ensino de Ciências Humanas e Sociais; Laboratórios temáticos; Interdisciplinaridade; Colégio Pedro II.

1 Introdução

Em 2012, numa reunião do Departamento de Sociologia da instituição de Ensino Básico na qual estou lotado, ocorreu acalorado debate sobre as dificuldades de fazer pesquisa com os estudantes do 2º segmento do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) e do Ensino Médio. Tais dificuldades não se referiam tão somente às limitações de compreensão dos estudantes envolvidos - por sinal, naturais, em razão de sua idade e da pequena carga horária da disciplina nestes níveis de ensino, o que torna mais difícil o aprofundamento dos instrumentos para a absorção dos temas afetos às ciências sociais -, mas sobretudo devia-se aos entraves estruturais e materiais (falta de investimento,

¹ Doutor em Antropologia e professor de Sociologia do Colégio Pedro II. E-mail: msaraujo@cp2.g12.br

bolsas de pesquisa etc.) e ocupacionais (uma carga horária total pesada, com muitas turmas, o que obstaculiza sobremaneira outra atividade para além da regência).

A certa altura desta reunião, um colega afirmou textualmente “eu consigo fazer pesquisa com os meus alunos”, detalhando, por alguns minutos os procedimentos de que se utilizava e os resultados já obtidos. Não havia, na verdade, nada de mágico em seu relato, porém eu, assim como outros colegas presentes, fiquei me questionando os porquês de não conseguir realizar semelhantes pesquisas em meu campus, dando densidade ao fazer pedagógico e enriquecendo o processo de ensino-aprendizagem.²

Já existia em meu campus um espaço chamado Laboratório de Humanas (LabHum). Ele congregava os componentes curriculares Filosofia, Geografia, História e Sociologia. Contudo, este laboratório não era oficial (não estava, como dizemos, portariado pelo setor competente do Colégio) e, portanto, promovia atividades rarefeitas e sem o respaldo da instituição, o que reduzia sua atratividade junto aos professores envolvidos (refiro-me a elaborar ações conjuntas, já que estas demandavam tempo e uma inflexão disciplinar que pouco interessava diante do contexto). Porém, a partir da transformação do Colégio Pedro II (e, de certo modo, da fala da reunião descrita, no que se refere à motivação da equipe de Sociologia do campus), instituição de referência em educação pública no estado do Rio de Janeiro, em Instituto Federal (IF), os professores das mencionadas áreas, juntamente com os professores de Língua Portuguesa (o que totaliza atualmente 19 profissionais) uniram esforços para que, a partir da proposição de um projeto e de sua tramitação bem sucedida, fosse criado o Laboratório de Humanidades, nome levemente distinto do original, que passou a organizar ações pedagógicas envolvendo os estudantes do campus, mas também, ainda que de forma esporádica, de alguns servidores técnicos que atuam como docentes, seja na rede estadual ou municipal de educação.

² Aqui vale um breve esclarecimento: o referido colega leciona num conjunto de prédios especialmente construídos para abrigar o campus. Estes, dispondo de uma arquitetura moderna e com especificidades pensadas para o desenvolvimento de atividades pedagógicas diversas, proporciona espaços e condições que, se ainda estão distantes de possibilitar o pleno desenvolvimento da pesquisa, aproximam-se, ao menos, de um seu desenrolar satisfatório. O campus em que leciono (uma das unidades que, desde 2006, como parte do propósito de descentralização do Colégio Pedro II, autarquia federal cujos campi encontram-se somente na cidade do Rio de Janeiro e em duas outras cidades de sua região metropolitana) está instalado num CIEP (Centro Integrado de Educação Pública) e padece, deste modo, de restrições diversas, como espaço físico e condições arquitetônicas para implantação de laboratórios temáticos que comportem e contemplem qualitativamente as necessidades de uma pesquisa (computadores, arquivos, biblioteca especializada, entre outros elementos).

Este texto versa sobre um espaço diferenciado de aprendizagem dos temas das ciências humanas e sociais, o Laboratório de Humanidades (LabHum) do campus Niterói do Colégio Pedro II. Finalmente institucionalizado no ano de 2015, através de uma portaria de criação, este espaço se propõe a ser um ambiente de produção do conhecimento para além da sala de aula.

Pretendo, no presente texto, discutir como este laboratório temático interdisciplinar efetua o diálogo entre as disciplinas componentes Filosofia, Geografia, História e Língua Portuguesa, além da Sociologia, de forma a mostrar aos estudantes que o conhecimento das ciências humanas é inerentemente integrado, a despeito das especificidades praticadas nos direcionamentos programáticos.

Assim, viso explicitamente neste escrito franquear uma colaboração aos docentes no que tange à socialização de experiências exitosas (porém em curso) de produção do conhecimento na relação ensino-aprendizagem. Desta maneira, o compartilhamento dos resultados de atividades como o Cinelabhum, os cursos de extensão com temáticas jovens e a Iniciação Científica Júnior, para citar alguns, podem inspirar professores a realizarem ações e iniciativas que, em parceria criativa com os estudantes, frutifiquem na busca pela construção de uma educação crítica e coletiva.

2 “Do ponto de vista da Sociologia”: a especificidade conjuntiva da ciência de Durkheim

Creio que o título desta seção, ao fazer referência a um já clássico texto de Clifford Geertz, “Do ponto de vista dos nativos”, tornado capítulo seminal para a compreensão do trabalho de campo em Antropologia, aponta para o cabimento de uma curta digressão acerca do aparecimento da Sociologia na educação brasileira. Nele, procurarei explicar a importância da instituição da qual discuro, o Colégio Pedro II, e, ao mesmo tempo, clarear a interdisciplinaridade aqui referida³ a partir do olhar e do fazer de um professor de Sociologia.

³ A concepção de interdisciplinaridade aqui defendida é aquela definida, do ponto de vista epistemológico, por Gonçalves (2000, p. 71). Diz a autora que “a interdisciplinaridade consiste no método de pesquisa e de ensino voltado para a interação de duas ou mais disciplinas. Seu processo pode ir da simples comunicação de ideias à integração recíproca das finalidades, objetivos, conceitos, conteúdos,

O Colégio Pedro II deve ser lembrado como a porta de entrada do ensino de Sociologia no contexto educacional formal brasileiro. Pioneira instituição de ensino secundário na introdução, em 1925, do ensino da Sociologia em seu currículo, o Colégio teve o professor Delgado de Carvalho como primeiro catedrático da disciplina. Este professor, de acordo com Soares (2009), que analisou suas obras, já expressava, em fins da década de 1920, uma preocupação em relacionar o estudo da disciplina aos problemas da sociedade brasileira.

Entre nós, no Brasil, a Sociologia esteve presente primeiramente na educação secundária e só depois na educação superior. Ao contrário do que se deu nos países hispano-americanos, nos quais o ensino da Sociologia começou, em geral, nas Faculdades de Ciências Jurídicas e Sociais ou Jurídicas e Políticas, foi pelo Colégio Pedro II e pelas Escolas Normais (do Distrito Federal, Recife e São Paulo), que ela se iniciou - penetrando somente em 1933, pela Escola Livre de Sociologia e Política, no ensino superior.

De lá para cá, sabe-se que a Sociologia claudicou no currículo do Ensino Básico. Garantida como obrigatória em 1931 pela Reforma Francisco Campos, ela perde, em 1942, este lugar no lastro da Reforma Capanema.

Nas duas Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional seguintes – respectivamente, em 1961 e 1971 - reafirma-se, num momento, e volta-se, noutra, a retirar a Sociologia do Ensino Básico. Nesta última, inclusive, a disciplina “deixa de ser obrigatória e passa a figurar num rol de 104 disciplinas optativas”. O então ensino secundário transforma-se em “ensino profissionalizante, deixando pouco espaço para as ciências sociais [e] a Sociologia praticamente desaparece das escolas.” (Projeto de Pesquisa, Ensino e Extensão Universitária do NEPCS, 2015).

Em 1989, para o caso do Rio de Janeiro, o ensino de Sociologia passa a vigorar, através do parágrafo 4º do Artigo 314 (atual 317) da Constituição do Estado do Rio de Janeiro, como disciplina obrigatória em todo o território nos “currículos de 2º grau” da rede pública e privada. Em caráter nacional, no entanto, somente em junho de 2008 foi

terminologia, metodologia, procedimentos, dados e formas de organização e sistematização do conhecimento.”

sancionada a lei determinando sua entrada definitiva na composição da grade curricular do Ensino Médio, o mesmo tendo acontecido à disciplina Filosofia.⁴

Como afirmado, essa curta digressão tem por objetivo clarear a interdisciplinaridade aqui postulada. A história acidentada da permanência da Sociologia na educação básica fez, de certo modo, com que ela se reinventasse e, de disciplina fundamentalmente acadêmica, atualizasse seus referenciais e ferramentas pedagógicas para sua inserção definitiva neste nível educacional.

Juntamente com isso e no contexto aqui discutido, a Sociologia acabou “tomando as rédeas” do diálogo com outras disciplinas neste fazer. Assim, penso que a Sociologia é uma disciplina que sabe, talvez melhor que outra qualquer do Ensino Básico, interagir e transitar entre temas e abordagens que, embora não sejam academicamente seus, pela divisão consensual dos objetos, prestam-se a uma análise ou colaboração do seu olhar, o olhar sociológico.

Deste modo a noção e a prática da interdisciplinaridade podem, de maneira indolor, ser introduzidas por intermédio de um laboratório e capitaneadas pela Sociologia – o que não significa, que fique claro, monopolizadas por ela –enquanto ciência que consegue, dada a sua plasticidade, aglutinar saberes e competências de disciplinas irmãs.

3 Sobre laboratórios: fundamentação, reflexão e funcionamento

Nesta seção, desejo tecer algumas considerações sobre a importância dos laboratórios temáticos na e para a Escola Básica, notadamente os de humanidades. No item seguinte, me deterei especificamente sobre como se desenvolvem, no LabHum, algumas destas atividades.

⁴ No caso do Colégio Pedro II vale uma menção. Além do respeito óbvio à lei com dois tempos semanais de aula da disciplina Sociologia, a disciplina Ciências Sociais está comportada na grade do Ensino Fundamental do 7º ao 9º ano. Em ambos os casos, Ensino Médio e Ensino Fundamental, há materiais pedagógicos (livros) confeccionados pelos próprios professores: no caso do Ensino Médio, um livro de projeção nacional foi adotado pelo MEC via Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e, no caso do Fundamental, uma obra coletiva também foi oficialmente adotada pelos *campi*, tendo grandes chances de ser abraçada por outras unidades escolares e redes.

É corrente, na reflexão sobre o ensino, acreditar, como lembra Salvucci (2006, p. 68), recuperando uma frase atribuída a Santo Agostinho, que “o professor não ensina sozinho, mas depende também do aluno e, sobretudo, de uma verdade comum aos dois”. Nesse sentido, reconhece-se e defende-se nos meios educacionais a importância de um trabalho que enfatize a participação contínua de estudantes e de professores para que, juntos, ressignifiquem um trabalho pedagógico desafiante e inovador.

E tal participação contínua de estudantes e professores requer propostas que envolvam os primeiros sem e com trabalhos pedagógicos que contribuam para suprir a sua própria formação. Desta forma, por meio do exercício dos temas das Ciências Humanas, está implícita uma determinada concepção de sociedade e das relações sociais que propiciam ao estudante, este ente que estudará a si mesmo enquanto ser social, a reflexão sobre o modo de produção de sua existência.

Tal concepção veicula, naturalmente, uma compreensão de conceitos, conteúdos e processos didáticos básicos de aprendizagem, sem as quais o cotidiano torna-se repetitivo e reprodutivista no sentido mais amplo do termo. Daí, mesmo que a formação da(o) estudante seja baseada numa leitura crítica da realidade, tornar-se-á inócua se não concretiza, nela própria, a elaboração do conhecimento prático de conceitos imprescindíveis.

Essa participação contínua de estudantes e professores requer, também, igual compreensão de conceitos, conteúdos e processos, da dimensão da pesquisa, que funciona como o embasamento para alcançar tal compreensão. A pesquisa independe, como parte constitutiva de todo e qualquer etapa de ensino-aprendizagem, da escolha da habilitação universitária futura⁵, já que seu primado básico é a necessidade de construção de conhecimentos e não somente de sua reprodução.

O desafio, como diria Monteiro et al. (2012, p. 256), é “ensinar a arte de pesquisar, focando nas técnicas de pesquisa nas ciências sociais”, uma vez que a formação articulada entre ensino e pesquisa, na relação educador - educando, se pauta na pesquisa atualizada da realidade social e, por consequência, na positivação do ensino como ensino de qualidade.

⁵ Trata-se, naturalmente, de uma verdade o fato de que os estudantes que participam das atividades vinculadas ao LabHum têm uma inclinação para a escolha profissional na área de Ciências Humanas e Sociais. Entretanto, a frase “independe da escolha da habilitação universitária futura” tem o caráter de generalizar a área do saber, referindo-se à importância em si da pesquisa.

Não há, pois, dúvida de que o conhecimento em ciências humanas beneficiará o educando do Ensino Básico na medida em que lhe permitirá uma análise mais acurada da realidade que o cerca e na qual está inserido. Para ele, o educando, a pesquisa provê – ou, pelo menos, apura – a capacidade de raciocínio, de questionamento, do confronto de outras fontes e experiências. Confere, enfim, habilidades que se adquire ao ser treinado a ver os mesmos panoramas a partir de diferentes perspectivas.

E sobre a realidade social, em si mesma dinâmica e complexa, seu estudo e o conhecimento equipa seu detentor para a compreensão dos processos sociais e seus mecanismos e a percepção de nossa própria condição enquanto atores sociais capazes de intervir na realidade.

Essa competência fornece os elementos necessários para a formação de uma pessoa e de um profissional, seja, como disse linhas atrás, em que área for, consciente de sua posição, potencialidades e capacidade de ação. Nesse cenário é que entram os laboratórios de pesquisa e extensão em humanidades.

Em linhas gerais, o desenvolvimento de projetos de pesquisa, ensino e extensão por meio de ações implementadas no âmbito dos laboratórios de humanidades na Escola Básica visa assessorar os estudantes dos níveis fundamental e médio por meio de minicursos, atendimento direto, consulta, encontros, oficinas, palestras, divulgação de eventos e congressos etc. É mais uma vez Maria Salvucci que nos oferece uma instigante passagem retirada de Manacorda (1990 apud SALVUCCI, 2006, p. 69). Nesta, o autor nos explica que

em nossos dias a lógica científica está presente, progressivamente, no cotidiano do estudante, uma vez que todas as atividades práticas se tornaram complexas e as ciências se imiscuíram, a tal ponto, na vida diária que a prática tornou-se teórica e a teoria tornou-se prática.

Logo, a existência dos laboratórios temáticos facilita a articulação, para os estudantes, entre o conhecimento teórico e prático supervisionado pelo professor, na elaboração de um saber-fazer pedagógico crítico e sólido.

Tais espaços tornam-se, também, um importante ambiente no qual os estudantes podem colocar em prática os conteúdos organizados sobre temas e conceitos que constituem os currículos dessa área, em especial nos três anos do Ensino Médio. Ou seja, o laboratório é um espaço privilegiado para uma dinâmica de realimentação

daquilo que, da parte do professor, se quer ensinar diante do interesse dos estudantes nos temas abordados e nas suas iniciativas de pesquisa. Desse modo, este pode ser compreendido como o local do fazer pedagógico de uma parte e de outra no qual se produz de forma continuada a transposição didática das pesquisas acadêmicas e sua publicização na forma de divulgação científica.

De acordo com Corrêa (2012, p. 5-6), para atender aos imperativos do levantamento de dados, entrevistas, consultas, registros etc., atividades que exigem investigação e organização do material de apoio e procedimentos compreendidos como constituintes das práticas laboratoriais em ciências humanas, poder-se-ia citar que o manuseio direto da realidade empírica que constitui o objeto das práticas profissionais nessa área do conhecimento pode ser realizado a partir do contato com

documentos (históricos, técnicos, jurídicos, cartográficos, biográficos, literários, censitários etc.); dados sociais (quantitativos e qualitativos de diferentes órgãos de pesquisa); bibliografia especializada (digital e impressa); filmografia relevante (documentários e ficção); banco de dados (públicos e produzidos pelo próprio laboratório); programas de computador específicos para pesquisa (para tratamento estatístico e para organização de dados qualitativos, construção de bibliografias específicas, tratamento de documentos digitalizados e de imagens, edição de relatórios de pesquisa, divulgação científica, realização de trabalho colaborativo etc.)

De igual maneira, ainda de acordo com o autor (*idem*), os laboratórios de humanidades se colocam objetivos específicos que podem ser listados como

divulgação científica na área de ciências humanas; capacitação do estudante de Ensino Médio em técnicas de gerenciamento de projetos, construção de banco de dados, arquivamento de documentos relevantes, utilização de equipamento audiovisual para fins científicos, produção de textos técnicos e de divulgação; desenvolvimento de uma visão crítica fundamentada nos princípios éticos e legais que fundamentam a pesquisa em ciências humanas no Brasil; promoção das ciências humanas como prática profissional através dos trabalhos desenvolvidos no laboratório e participação de eventos científicos dessa área no Brasil e no exterior; iniciação científica na área de ciências humanas como uma articulação entre o ensino e a pesquisa.

Outros autores, como os referidos Monteiro et al. (*idem*, p. 258), preferem uma descrição mais “econômica” dos afazeres do laboratório. Para eles, este espaço deve trabalhar com “pesquisa de caráter qualitativo a partir de recursos e técnicas de coleta de informações como as entrevistas e a metodologia da história oral”. Estas formas de captação e tratamento dos dados da realidade têm por função permitir a compreensão

“do universo cultural e de significados desses agentes [entrevistados]”, com a finalidade de “fortalecer a relação dialógica entre teoria e prática”.

Mas mesmo nesse viés mais “econômico”, eles prestam grande contribuição à discussão sobre a função e a prática dos laboratórios ao nos lembrarem, nas pesquisas que neles têm lugar, das “escolhas metodológicas, teóricas e os conteúdos escolhidos não são desinteressados, obedecem a uma lógica, uma ideologia, uma maneira de olhar o mundo” (idem, p. 260).

A implantação de laboratórios de humanidades soma, no que tange à promoção da integração de diferentes disciplinas da prática de ensino. Nesse entendimento, a ação pedagógica (que pode, por exemplo, estar baseada em eixos temáticos) que articula a teoria à prática valoriza a promoção de vários saberes relacionados à educação, sem perder a visão epistemológica do objeto em questão: sem também perder de vista o rigor acadêmico, a prática interdisciplinar, propõe-se, deve se tornar comum na produção do conhecimento.

Isso porque um laboratório destinado à prática no campo das ciências humanas consiste, nesse sentido, na oferta das ferramentas tecnológicas, meios de coleta e armazenamento de dados, material atualizado de referência, entre outros. O aprendizado dessas ferramentas é mobilizado para a produção de pesquisa na área social, histórica, geográfica, filosófica e das linguagens (coadunadas sob a rubrica do ensino da língua portuguesa), que permite a apuração, avaliação, diagnósticos e prognósticos de caráter quantitativo e qualitativo, tanto de questões atuais, quanto históricas e universais que caracterizam o ser humano e suas sociedades, tomados como objetos pelas Ciências Humanas.

Pela sua própria natureza, o laboratório de ciências humanas complementa o currículo na direção do conhecimento da realidade social e política do Brasil e da cidade, assim como se organiza em torno de atividades que promovem os princípios da proteção e defesa civil e difundem os valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bem comum e à ordem democrática a partir de um “acompanhamento ativo e participativo na própria dinâmica democrática em âmbito municipal” (CORRÊA, idem, p. 5-6).

Por fim, pensado para promover simultaneamente um esforço de transposição pedagógica dos conhecimentos recentes e sua transcrição em uma linguagem que se

aproxime da utilizada pelos especialistas em divulgação científica (mas sem perder o objetivo educacional, isto é, formação para a cidadania e para o trabalho), cabe aos laboratórios de ciências humanas subsidiarem os aprendizes com um conjunto de métodos e de técnicas de pesquisa, mostrando-lhes os passos iniciais da arte de pesquisar.

Portanto, o papel do professor nesse laboratório caracteriza-se por sua contribuição para uma melhor sistematização dos temas, sejam eles contemporâneos ou herdados da tradição.

4 Laboratório de Humanidades no Colégio Pedro II: experiência de formação crítica no Ensino Médio

A composição deste texto foi pensada para se movimentar do particular (a reunião de departamento) para o geral (as ponderações críticas e interpretativas sobre o valor dos laboratórios de ciências humanas no Ensino Básico), voltando para o particular (a experiência do LabHum, campus Niterói do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro).

Assim, este é um relato de experiência, cujo objetivo é socializar experiências exitosas de produção do conhecimento, mas também as dificuldades e entraves na lida pedagógica que é a docência no Ensino Básico.

Resgatando algumas informações anteriores, o LabHum (Laboratório de Humanidades) é composto por cerca de 20 professores, das disciplinas Filosofia, Geografia, História, Língua Portuguesa e Sociologia. No momento, sua coordenação está sob a responsabilidade de um professor da equipe de História, porém ela, a coordenação, é rotativa e será transmitida em 2016.

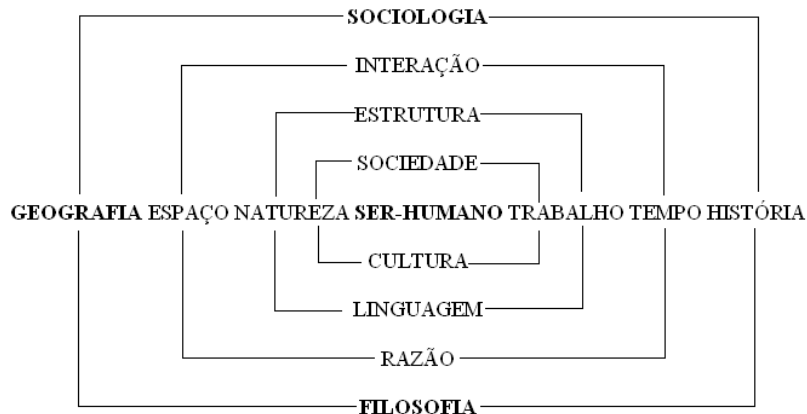
A proposta da noção de interdisciplinaridade de que se fala é suposta em documentos institucionais do Colégio, especialmente em seu Projeto Político Pedagógico.⁶ Neste documento, que é do ano de 2002 (mas cuja atualização está em fase de finalização), explicita-se seu objetivo de

⁶ Antes mesmo desta reafirmação interna, encontramos na própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no título “Dos Princípios e Fins da Educação Nacional”, Art. 3º, os fundamentos do ensino. Pode-se destacar nele o item XI, a vinculação entre a “educação escolar, o trabalho e as práticas sociais”, que viabiliza e incentiva a pesquisa como forma de aprofundar esta relação triádica.

formar cidadãos críticos, eticamente orientados para o respeito às identidades, politicamente comprometidos com a igualdade, esteticamente sensíveis à diversidade, dotados de competências e de valores capazes de mobilizá-los para a intervenção responsável na sociedade.

Crítica, ética, política, igualdade, estética, diversidade são conceitos claramente partilhados pelas áreas que compõem o LabHum e, nesse sentido, as formas de concretização via pesquisa de seus conteúdos só se tornam possíveis entrelaçando-as e integrando-as conexamente. O diagrama abaixo dá uma ideia de como isto é possível:

Figura 1. Categorias conceitos interdisciplinares



Fonte: Colégio Pedro II, 2002, p.242.

Destaquei no texto 4 programas do Labhum para tecer algumas considerações: Cinelabhum, Extensão, Iniciação Científica Júnior e Ensino Colaborativo.

O Cinelabhum é a prática de se exibirem filmes de interesse coletivo, mas especialmente discutindo temas importantes para o momento político ou socioeconômico em questão ou, mais amplamente, para a formação crítica dos educandos.

Com agendamento e divulgação do filme a ser exibido com antecedência mínima de 10 dias, este programa funciona com a definição prévia, por intermédio de uma reunião do Laboratório, da equipe pedagógica que está na vez, de forma a organizar interna (para os docentes e a administração do campus) e externamente (estudantes e comunidade escolar, que, nesse caso, é quase integralmente composta por ex-alunos) as condições para sua realização.

Esta equipe tem liberdade para convidar ou não um debatedor de fora do universo escolar, com vistas a qualificar melhor as discussões, produzindo um olhar mais acurado sobre o assunto em pauta.

A diretriz acordada é de que sempre haverá docentes de pelo menos duas outras equipes assistindo ao filme, não somente para fazer presente as referidas equipes, mas também demonstrar, junto aos estudantes, a unidade do corpo docente que forma o Laboratório.

Da mesma maneira, o evento deve ser registrado em imagens (filmagem ou fotografia), de forma a se constituir uma memória sobre as atividades realizadas, o que também é feito através de listas de presença e documentação dos próprios estudantes, e de um relatório confeccionado pelo proponente para fins de comprovação burocrática junto aos setores competentes.

O Cinelabhum tem funcionado como um modo de instrumentalizar discursivamente os estudantes, capacitando-os a fazer associações entre as interpretações emitidas pelos demais presentes, debatedor e espectadores, e a articulação com as teorias das diversas disciplinas absorvidas nas aulas.

Visto por esse lado, os estudantes acabam se empoderando não somente quanto ao aspecto cognitivo do aprendizado formal, mas também com a voz que lhes é dada para descortinarem, através do filme de ficção ou documentário, as relações e urdiduras da realidade social.

O Cinelabhum funciona, pois, como um instrumento pedagógico e didático para, em seu aspecto mais óbvio, fixar conteúdos, e, em sua vertente mais ampla e qualitativa, lapidar o potencial retórico de jovens que, pela via do visionamento supervisionado de um produto cultural de mídia, efetuam ligações entre o conhecimento teórico e sua aplicação no contexto envolvente.

A Extensão segue os mesmos parâmetros da já tradicional extensão universitária: oferta de curso ou oficina de curta duração, com previsão (mas não obrigatoriedade) de trabalhos monográficos finais e de conferência de certificados.

Com um direcionamento mais teórico-conceitual, os cursos servem também como um aprofundamento em questões pontuais que podem ajudar tanto nos exames de seleção universitários, para o caso de serem estudantes da 3ª série do Ensino Médio, como também como reforço da compreensão de temas que são objeto dos conteúdos

dados nas aulas regulares ou mesmo para saciar buscas pessoais sobre conhecimentos variados.

No presente momento, apenas o departamento de História está com curso sendo executado, versando o curso sobre história, cinema e subjetividade, e cujo professor também é cineasta. Tal concentração em apenas um curso é uma estratégia para não pulverizar a procura, dando mais solidez à atividade ofertada.⁷

Mais pujante programa abarcado pelo Laboratório, a Iniciação Científica Júnior conta com quatro pesquisas em andamento⁸, envolvendo, quase todas (exceção feita a apenas uma) quatro estudantes-bolsistas, número máximo permitido pelo edital que instituiu a atividade extracurricular. Mas há pesquisas com voluntários (ou seja, estudantes não remunerados), demonstrando que a curiosidade epistêmica é um fator instalado pelo programa.

Calcada em pesquisas (campo, bibliográfica, de opinião, *survey*, etc.) que devem resultar em um relatório e na apresentação das conclusões numa mostra geral do Colégio, a ICJ, como chamamos, permite que os estudantes desenvolvam investigações de uma forma mais autoral e avançada que as demais atividades. Além disso, eles próprios mapeiam e constroem os dispositivos de abordagem, indo do mais simples (a confecção e aplicação de formulários de perguntas via *googledoc*) ao mais sofisticado, como entrevistas e suas posteriores análises (tabulação das recorrências e das dissonâncias nas opiniões e visões de mundo dos depoentes e na comparação e interpretação destas à luz da teoria sobre o tema pesquisado).

A Iniciação Científica é uma excelente oportunidade para realizar de forma mais visível e produtiva a interdisciplinaridade de que falei: a análise de discurso, bem como a de conteúdo, por exemplo, são instrumentos analíticos habitualmente associados à pesquisa em temas referentes à Língua Portuguesa, especialmente na questão da

⁷Vale a menção de um curso oferecido em 2013, intitulado Sociologia Urbana: século XIX e primeira metade do século XX, tido como marco desta ação. Nele, a pegada, como afirmei, teórico-conceitual bem delineada proporcionou aos estudantes das 2ª e 3ª séries do Ensino Médio um fazer autônomo de pesquisas baseadas em experiência de campo. Mas a consensual contribuição deste curso foi seu caráter dialógico em múltiplos planos. Especialmente no da reaproximação de ex-alunos, então já universitários de cursos diversos (História, Ciências Sociais, Psicologia e Filosofia, bem ao gosto do Laboratório), que participaram na condição de professores e orientadores. Estudando e discutindo autores tidos como fundamentais que contribuíram com a formação do pensamento sobre a cidade, sua trajetória histórica, formas de apresentação e sobre como os cidadãos afetam e são afetados por ela, muitos dos participantes acabaram optando pelas áreas que estão, de uma forma mais ou menos intensa, associadas à Sociologia em suas trajetórias acadêmicas de nível superior.

⁸Destas 4 pesquisas, 3 estão sob a coordenação de professores de Sociologia e uma sob a coordenação de uma professora de História.

Linguística; as inferências e apreciações sobre tempo e espaço, dimensões sempre presentes nas falas dos entrevistados são elementos caros respectivamente à História e à Geografia; a Filosofia aparece na dimensão ou, mais amplamente, em todos os temas cuja gênese seja buscada não somente na história *stricto sensu*, mas na própria genealogia (o tema da sexualidade, por exemplo, que tem em Foucault seu mais destacado expositor). Estas são algumas interlocuções possíveis que, entretanto, multiplicam-se, adaptam-se e renovam-se de acordo com o inquérito de que se ocupe.

Muito mais poderia ser dito desta que, como enfatizei, tornou-se em volume e riqueza o carro-chefe das pesquisas “labhumianas”. Parto, contudo, para o último dos exemplos que desejo explorar: o Ensino Colaborativo.

Diferente da monitoria, cuja percepção remuneratória é uma regra já estabelecida, o Ensino Colaborativo ocupa a mesma função, a de esclarecer dúvidas sobre os conteúdos de alguma disciplina da grade curricular junto a outros estudantes.

Digo que ocupa a mesma função, pois a distribuição da carga horária semanal (2 tempos de 45 minutos) para atendimento e a natureza dos esclarecimentos prestados é muito semelhante ao da monitoria, que, repito, assim como a Iniciação Científica Junior, é remunerado.

Escolhidos por edital interno, que considera como aptidão básica para o desempenho da função a consecução de notas acima de 7,0 (estudantes que concorrem mas que não são selecionados podem ingressar como voluntários na equipe de colaboradores, sendo acionados quando necessário e possível), os estudantes que se candidatam às vagas de todas as disciplinas da grade curricular demonstram não apenas inclinação acadêmica, mas competência para o exercício da atividade docente.

Apesar das definições quanto às funções a serem desempenhadas pelo colaborador serem bem delimitadas, nada impede (em não havendo uma procura de seu apoio escolar que os prendam no horário estabelecido, o que acontece com certa frequência) os estudantes que possuam notória vocação para as ciências humanas de realizarem atividades paralelas de pesquisa e produção de materiais diversos, como ocorre na Sociologia, sem prejuízo nem exacerbação de suas funções.

No momento, as colaboradoras desta disciplina (4 estudantes) estão elaborando um periódico para circulação interna e um blog discutindo temas da atualidade,

entrevistas, dicas culturais etc., a fim de publicizar conteúdos e abordagens formatadas pelas ciências sociais numa perspectiva escolar.

A narrativa destas experiências localizadas conjuminadas a uma reflexão mais ampla sobre a importância do laboratório de ciências sociais e humanas como um dinamizador do aprendizado dos temas da área tem aqui uma intenção, a de fazer avançar as práticas do ensino e da pesquisa. Outrossim, buscam igualmente dotar de protagonismo estudantes, apostar em formas inerentemente integradas do conhecimento nas ciências do homem, exercitando assim elementos possibilitadores da interdisciplinaridade, manifesta a partir de conexões contextuais e com sentido para os jovens estudantes.

No início desta seção me propus também a apresentar as dificuldades e entraves na lida pedagógica do Ensino Básico. Neste nível de ensino, as dificuldades maiores recaem sobre a questão do tempo, no sentido de o tempo da escola, e da própria e permanente falta de condições materiais.

Vou me ater somente ao primeiro ponto, uma vez que, quanto às condições materiais, há uma compreensão pacificada e muito proximamente compartilhada entre trabalhadores da educação.

O tempo da escola, com uma carga horária desigual entre as disciplinas da grade, o próprio cotidiano recheado de atividades obrigatórias – face a estas a prática de pesquisa acaba sendo vista como secundária -, aliado à inexistência, por falta de regulação precisa, de uma parcela real da carga horária do professor e do estudante para pesquisa e extensão, são adversários de uma prática de pesquisa mais refinada e satisfatória.

Torna-se, então, no que se refere à participação dos estudantes, certa dificuldade abarcar todos os interessados em razão, também, da insuficiência numérica de bolsas de pesquisa. As que existem repassam ao bolsista a quantia sabidamente irrisória de R\$ 150,00.

Por fim, e para não me estender exageradamente, há a dificuldade de articular de maneira orgânica os mais diversos professores. Primeiro, mas menos problemático, em virtude das áreas de formação e filiações teórico-metodológicas, de resto saudável para o ambiente da pesquisa, uma vez que permite uma troca de concepções e de lentes de leitura de mundo aos demais professores-pesquisadores e os estudantes. Depois, pelo

comprometimento desequilibrado, variável esperada porque comum a um grupo diverso e amplo de profissionais de distintas matrizes de formação e até de aposta na produção científica da Escola Básica, mas de difícil manejo.

5 Conclusões: saindo do Laboratório

Indiscutivelmente, a articulação entre teoria e prática consiste em um dos métodos mais eficazes na promoção da consolidação de conhecimentos adquiridos e conduzem ao seu aprofundamento diante de questões de notório interesse público e pronta aplicação na realidade social do estudante.

Como tal, a ciência, a tecnologia, o trabalho e a cultura, dimensões previstas como eixos importantes da e para a política educacional brasileira, são otimizadas quando se dispõe da aplicação da teoria em situações práticas na área de ciências humanas, de forma a articular justamente variáveis pertencentes aos seus mais diversos estudos.

A prática de laboratório é um meio importante para o processo de formação dos estudantes brasileiros. Sendo assim, precisa-se de laboratórios através dos quais os educadores e educandos possam, desde o início do curso, começar a desenvolver habilidades e competências, a partir das pesquisas realizadas.

Sem mais delongas, gostaria de finalizar com uma reflexão. Penso que os laboratórios escolares, e o LabHum em particular, possibilitam aos jovens educandos o enfrentamento crítico dos desafios oriundos do contexto atual, contribuindo em sua preparação para a vida em sociedade.

Da mesma forma, sendo, talvez, repetitivo, mas enfatizando este detalhe fundamental para o ensino de ciências sociais, estes espaços permitem que o estudante possa compreender a sociedade (sua gênese e transformação e os múltiplos fatores que nela intervêm) como produto da ação humana. Também compreende a si mesmo como agente social e compreende derradeiramente os processos sociais como orientadores da dinâmica dos diferentes grupos de indivíduos.

Com os laboratórios, por fim, possibilita-se ao estudante aprender, na prática, a fazer pesquisa: coletando, selecionando, sistematizando e analisando dados e

informações, eles têm acesso a instrumentos teóricos e metodológicos que lhes permitem entender a realidade de um ponto de vista crítico e em toda sua complexidade.⁹

Deste modo, as ciências humanas e sociais – e em particular a Sociologia, de onde falo -, com suas já descritas orientações teóricas e metodológicas, contribuem significativamente para a formação ética, a autonomia intelectual e o pensamento crítico dos estudantes, vistos como produtores de conhecimento e como agentes capazes de continuar, sempre, aprendendo.

Interdisciplinarity and critical formation in High School: the case of LabHum

Abstract. Recognized as a pioneer institution in the implementation of sociology course in High School, the Colégio Pedro II installed, since becoming Federal Institute, a number of different learning spaces. The thematic labs, including the Humanities Laboratory (LabHum) on Niterói campus are proposed to function as production environments of knowledge beyond the classroom. The LabHum demand, accordingly, make the dialogue between the components of the humanities disciplines (Philosophy, Geography, History and Portuguese Language) in order to show students that their knowledge is inherently integrated, despite the specificities practiced in programmatic directions. Thus the communication and the subsequent text are intended to collaborate with teachers regarding the socialization of successful experiences of knowledge production in the teaching-learning relationship. Thus, the share of activity results as Cinelabhum, extension courses with thematic youth and Scientific Initiation Junior, to name a few, can inspire teachers to undertake actions and initiatives in creative partnership with students, fruitful in the search by the construction of a critical and collective education.

Keywords. High school; Teaching of Humanities and Social Sciences; thematic laboratories; interdisciplinarity; Colégio Pedro II.

Intercisciplinarietà y formación crítica en la Enseñanza Secundaria: el caso del LabHum

Resumen. Reconocida como una institución pionera por poner en práctica la asignatura de Sociología en la Educación Básica, el Colegio Pedro II implantó, desde que se convirtió en Instituto Federal, diferentes espacios de aprendizaje. Los laboratorios temáticos, entre ellos el Laboratorio de Humanidades (LabHum) del campus de Niterói, se proponen a funcionar como medio de producción de conocimiento, más allá del aula. El LabHum posibilita um espacio de diálogo entre las distintas asignaturas que componen las humanidades (Filosofía, Geografía, Historia y Lengua Portuguesa) con el objeto de enseñar a los estudiantes que sus conocimientos se integran de forma inherente, pese las especificidades prácticas direccionadas de forma programáticas. Por lo tanto, la comunicación y el texto subsiguiente se proponen a colaborar con los maestros respecto a la socialización de experiencias exitosas de producción de

⁹Metaforizando em cima da palavra “aluno”, que aqui evitei ao máximo usar e cuja controversa acepção etimológica tem seu alicerce na ideia de “sem luz”, opaco, tomo a liberdade de dizer que as práticas laboratoriais em ciências humanas lançam, pois, luz e esclarecimento sobre os caminhos cognitivos nos quais os estudantes estão enredados.

conocimiento en la enseñanza-aprendizaje. Así, el compartir de los resultados de la actividad como Cinelabhum, los cursos de extensión con temas de la juventud y la Iniciación Científica Juvenil, pueden inspirar a los profesores para llevar a cabo acciones e iniciativas que, en actividad colaborativa y creativa con los estudiantes, posibiliten la búsqueda de la construcción de una educación crítica y colectiva.

Palabras-clave. Enseñanza secundaria. Enseñanza de Humanidades y Ciencias Sociales; laboratorios temáticos. Interdisciplinariedad. Colegio Pedro II.

REFERÊNCIAS

- COLÉGIO PEDRO II. *Colégio Pedro II: Projeto Político Pedagógico*. Brasília: Inep/MEC, 2002.
- CORRÊA, Raphael Millet Camarda. “Práticas de laboratório em Ciências Humanas a partir da Sociologia: perspectivas e justificativas”. Comunicação oral no 3º ENSoc2012 (Encontro Estadual de Ensino de Sociologia). Disponível em www.labes.fe.ufrj.br. Acessado em 13/9/2015.
- GEERTZ, Clifford. “‘Do ponto de vista dos nativos’: a natureza do entendimento antropológico”. *Saber local: novos ensaios em Antropologia Interpretativa*, Petrópolis, Vozes, 1997.
- GONÇALVES, Francisca dos Santos. *Um olhar sobre a interdisciplinaridade*. Secretaria de Educação a Distância. Brasília, MEC/SEED, 2000.
- LABORATÓRIO DE ENSINO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. *Projeto de Pesquisa, Ensino e Extensão Universitária do NEPCS* (Núcleo de Pesquisa em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo). Disponível em www.ufrgs.br/laviecs/biblioteca/arquivos/projeto_laboratorio_ufes.pdf. Acessado em 11/9/2015.
- LEI de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acessado em 21/3/2015.
- MONTEIRO, José Marciano; DINIZ, Paulo Cesar Oliveira; SANTOS, Valdonilson Barbosa dos. “Papel dos laboratórios de pesquisa e prática de ensino em Ciências Sociais”. Disponível em www.cchla.ufrn.br/interlegere/13/pdf/es12.pdf. Acessado em 11/9/2015.
- SALVUCCI, Maria. “Laboratório de prática e ensino em humanidades”. *Revista de Educação do Cogeime*, ano 15, nº. 28, jun.2006.
- SOARES, Jefferson da Costa. *O ensino de sociologia no Colégio Pedro II (1925-1941)*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Rio de Janeiro: UFRJ, 2009, 139f.

ⁱ Este texto foi composto originalmente para o IV Simpósio Internacional de Ciências Sociais, que teve lugar no período de 11 a 14 de novembro de 2015 na Universidade Federal de Goiás, sob o título “A experiência do Laboratório de Humanidades no Colégio Pedro II, RJ: interdisciplinaridade e formação crítica no Ensino Médio”. Agradeço aos professores Lucinéia Scremin e Marcelo Cigales, especialmente a este último, pelos enriquecedores comentários e observações que vão aqui inseridos.

Recebido em outubro de 2016

Aprovado em novembro de 2016.